

**A PERCEPÇÃO DA INTERCULTURALIDADE
NO CINEMA. ESTUDO COMPARATIVO: UM FILME BRASILEIRO
NA FRANÇA, UM FILME FRANCÊS NO BRASIL**

Aída Carla Rangel de Sousa/UFRN
João Gomes da Silva Neto/UFRN

1. Introdução

Os filmes estrangeiros de ficção têm se revelado um meio corrente através do qual indivíduos de universos culturais distintos se observam. Além desse potencial e de sua facilidade de veiculação, eles constituem material autêntico a ser explorado em um contexto de aquisição da gramática de uma língua estrangeira, assim como de percepção e apreensão da cultura estrangeira subjacente. Este último uso é o que privilegiamos em nosso trabalho.

Escolhemos examinar algumas especificidades culturais veiculadas em dois filmes, um francês e um brasileiro, através de uma manifestação verbal: a legendagem. Após apresentar o arcabouço teórico que orienta este trabalho, procuramos exemplificar como a percepção intercultural ocorre no cinema, estabelecendo uma comparação dos universos culturais francês e brasileiro tal como eles são veiculados em dois filmes de ficção – *Cidade de Deus*, legendado em francês e *Le fabuleux destin d'Amélie Poulain*, legendado em português. Finalmente, este trabalho sugere uma nova metodologia, ancorada na percepção contrastiva proposta por M. Srpová (1995a), para tratar especificidades culturais veiculadas em filmes estrangeiros legendados (e comercializados no mercado comum) como recurso para o ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira.

2. Pressupostos teóricos : um caminho multidisciplinar

Neste trabalho de caráter multidisciplinar, fazemos uso de conceitos e quadros teóricos diversos tais como a Etnografia da Comunicação, a teoria interpretativa da tradução e a percepção contrastiva. Partimos de uma perspectiva etnográfica, considerando os filmes de ficção como repertórios de situações de comunicação diversas em que podem ser observados códigos culturais autênticos e compartilhados por indivíduos de um mesmo universo cultural. A Escola Franco-Canadense de Tradução, por sua vez, nos fornece uma teoria da tradução que permite abordar nosso objeto de estudo – a legendagem dos filmes de ficção – não só considerando a tradução como ponte entre dois universos culturais, mas sobretudo privilegiando a equivalência extralingüística entre os textos. Por último, a percepção contrastiva possibilita explicitar a compreensão das especificidades culturais relativas a cada universo cultural de referência.

2.1. A Etnografia da Comunicação

Originada de estudos sobre a antropologia social e cultural americana, assim como da sociolingüística, a Etnografia da Comunicação aparece na segunda metade dos anos 1960. Globalmente, ela se destina a explicitar as diferenças entre culturas ou o que D. Hymes chama de contrastividade externa¹ (*apud* KERBRAT-ORECCHIONI, 1994, t.III, p.7), de maneira a promover a formação de uma consciência intercultural. Seu objeto de estudo constitui a interação ou “a menor unidade interpessoal de uma comunidade humana” (SALINS, 1992).

Na França, por exemplo, a disciplina se desenvolveu sobretudo no contexto da didática das línguas e das culturas (*didactique des langues et des cultures*), focando na formação de futuros professores o desenvolvimento da consciência a respeito do componente cultural no processo de

¹ O termo designa as “variações culturais observáveis entre culturas diferentes” e se opõe à “variação entre diferentes sub-culturas presentes dentro de uma mesma sociedade” ou “contrastividade interna”.

ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira, a fim de facilitar a comunicação intercultural dentro (entre os próprios alunos e entre alunos e professores) e fora da sala de aula.

Uma abordagem etnográfica favorece a compreensão intercultural na medida em que se interessa pelo modo como os indivíduos se comunicam. Ela colabora então para que assistamos a um filme procurando entender o que dizem os personagens como uma experiência intercultural em que os problemas de compreensão da cultura do outro, muitas vezes deixados em um plano invisível, podem ser identificados e explicitados.

2.2. Das teorias da tradução à teoria interpretativa da tradução

A respeito do processo tradutório, G. Mounin (1963, p. 236) afirma que:

“para traduzir uma língua estrangeira, deve-se observar duas condições, sendo cada uma delas necessária, mas nenhuma em si suficiente: estudar a língua estrangeira, estudar (sistematicamente) a etnografia da comunidade da qual esta língua é a expressão. Nenhuma operação é totalmente adequada se esta dupla condição não for satisfeita”.²

Com efeito, a tradução supõe uma abordagem etnográfica que lhe é própria e coloca em contato dois universos culturais. No entanto, a tradução pode acarretar em problemas de compreensão/percepção intercultural, uma vez que indivíduos de um dado universo cultural geralmente não compartilham do outro universo cultural representado no material traduzido. Por outro lado, o tradutor tem o privilégio (e o dever) de conhecer bem as duas línguas com que trabalha e conseqüentemente os dois universos culturais a elas relacionados. De que forma então a própria operação tradutória influi na percepção intercultural? Procuramos trilhar um caminho para esta resposta à luz de pressupostos teóricos advindos dos estudos da tradução.

Um fato importante a destacar é que não existe somente uma teoria, mas várias teorias da tradução, como lembra R. Larose em seu livro intitulado *Théories contemporaines de la traduction* (1989). As primeiras teorias, como aquela abordada por Vinay e Dalbérnet (1958) e Chuquet e Paillard (1985) se inscrevem em uma perspectiva da estilística comparada. Elas privilegiam a comparação de textos paralelos (o original e sua tradução em outra língua) em termos de equivalências lingüísticas (gramaticais, lexicais, etc.).

Uma outra vertente, representada por E. Nida (1969), G. Mounin (1963), E. Cary (1958, 1963), J. Delisle (1980), D. Seleskovitch (1968, 1975, 1984), M. Lederer (1980, 1984) e outros considera a tradução como um processo de equivalência textual. Não pretendemos restituir aqui o repertório de todas as teorias existentes, mas podemos resumir que os teóricos desta vertente “sustentam que, na tradução, dois domínios estão em jogo: o domínio dos sistemas lingüísticos e o domínio extralingüístico” (SRPOVA, 1995b, p.158). Ademais, esta vertente considera que a comunicação (intercultural) é o fim que justifica a operação tradutória. Por este fato, tal perspectiva nos interessa.

Destacamos neste trabalho a teoria interpretativa da tradução (SELESKOVITCH, LEDERER, 1984), que originou-se da prática de interpretação de conferências e foi aplicada posteriormente nos estudos didáticos da tradução. Poderíamos resumir a prática da interpretação da seguinte maneira: em um discurso enunciado por um indivíduo em língua estrangeira, o intérprete apreende o seu significado (que pertence ao domínio extralingüístico) e o restitui em sua língua materna. A compreensão do significado passa pela adição de um saber extralingüístico dos objetos designados. Do mesmo modo, em um filme estrangeiro, o tradutor apreende o significado extralingüístico dos enunciados (diálogos e narração) e o restitui em outra língua (por meio da legendagem, por exemplo). Tal teoria recoloca o tradutor no centro da operação tradutória, evocando a parte de subjetividade que a compõe. O saber extralingüístico do tradutor revela-se intrínseco ao próprio processo tradutório, o que pode resultar em implicações diretas sobre a percepção da mensagem.

Baseada na teoria interpretativa da tradução, nossa hipótese é que a tradução não é só uma passagem de uma língua-fonte (LF) à uma língua-alvo (LA), ela é também uma forma de transmissão

² Esta citação e as demais encontradas neste trabalho foram traduzidas pela primeira autora.

do significado dos enunciados veiculados da LF à LA, que pressupõem respectivamente uma cultura-fonte (CF) e uma cultura-alvo (CA).

Considerando que a legendagem é uma das unidades de significado do filme e que ela comporta os aspectos lingüísticos (forma) e extralingüísticos (conteúdo) do enunciados, é por meio de sua análise que podemos evidenciar diferenças culturais (extralingüísticas) existentes entre LF/CF e LA/CA. Cabe ao tradutor do filme colocar à disposição do público da CA as equivalências extralingüísticas necessárias à apreensão da cultura do outro. Segundo Srpová (1991), uma especificidade cultural pode ser “conservada” ou “neutralizada” lingüisticamente no texto. Tal tratamento pode levar a diferentes implicações na percepção do público da CA a respeito da CF.

2.3. A percepção contrastiva de dois universos culturais distintos

O material semiótico verbal é constituído de signos de ordem lingüística, oral ou escrita, como palavras, frases, textos e funciona como signos de dupla face (assim como o paraverbal e o não-verbal): a uma forma se associa um significado atualizado em um contexto preciso. Esta distinção é fundamental para nossa abordagem, pois ela propicia a explicitação da percepção contrastiva dos significados em cada universo cultural de referência.

Estudar a percepção de um filme depende da perspectiva da compreensão. Segundo Srpová trata-se, para um contexto específico, de descrever a homonímia intercultural que acontece quando “uma forma idêntica ... expressa conteúdos diferentes em cada uma das culturas envolvidas” (1995a, *ibid.* p. 81). A importância da situação de comunicação concreta na qual uma forma é utilizada é fundamental para interpretar o significado associado a ela em cada universo cultural.

Dessa forma, reiteramos nossa afirmação de que entendemos os filmes de ficção como repertórios de situações de comunicação onde os personagens interagem, tal como na vida real, e dialogam produzindo enunciados. Algumas dessas situações de comunicação podem ser analisadas e descritas seguindo a perspectiva da compreensão, como veremos nos exemplos a seguir.

3. Exemplos extraídos de *Cidade de Deus* e *Le fabuleux destin d'Amélie Poulain*

Selecionamos nos filmes *Cidade de Deus* (2003) e *Le fabuleux destin d'Amélie Poulain* (2001), pertencentes aos universos brasileiro e francês respectivamente, duas situações de comunicação para analisar o tratamento dos elementos culturalmente específicos e suas possíveis implicações em sua percepção intercultural. Em nossa análise, transcrevemos para cada exemplo um diálogo tal como ele acontece entre os personagens em LF e as legendas correspondentes em LA. Depois de contextualizar o diálogo – descrevendo a situação de comunicação em que ele ocorre – analisamos o caminho percorrido pelo tradutor para restituir da LF o significado em LA e, enfim, considerar as implicações.

Exemplo A) Barbantinho : Aí, grande melodia.
 Paulista: Gosta deles ?
 Barbantinho : Pô, eu sou apaixonado por **MPB** ! Tu gosta ?

 Ficelle : Ce top, ce compositeur.
 Le Pauliste : Tu aimes ?
 Ficelle : J'adore **cette musique** ! Et toi ?

Neste extrato do filme brasileiro, há uma referência a um tipo de música que é específica do universo cultural brasileiro, a música popular brasileira (MPB). Dois personagens do filme, Barbantinho e Buscapé, estão a vagar pelo Rio de Janeiro quando encontram um motorista desconhecido que está perdido e precisa de ajuda para chegar a um ponto da cidade. Os dois personagens entram em seu carro para ajudá-lo a encontrar o local que ele procura. Durante o trajeto, o dono do carro põe uma música no rádio, provocando uma discussão a respeito.

No diálogo transcrito em português (LF), Barbantinho diz gostar de “MPB”, enquanto a legenda em francês (LA) **neutraliza** a especificidade cultural brasileira através de uma **expressão**

genérica: “cette musique” (esta música). Para um brasileiro que assistir à cena, a música que os personagens ouvem no carro é facilmente identificável, do estilo da Bossa Nova. No entanto, o mesmo não ocorrerá para um público francês que não seja íntimo de nossa cultura. Ele escutará a música, porém não saberá identificá-la, já que ela não pertence a seu universo cultural, nem tampouco aprenderá o termo que lhe é correspondente na LF. A percepção do público francês acerca desta especificidade cultural não será a mesma do público brasileiro.

Exemplo B) (Voz do narrador): Amandine Poulain aime ... les costumes de patineurs artistiques sur **TF1**

(Voz do narrador) : Amandine Poulain gosta : das roupas dos patinadores da **TF1** ...

Neste extrato do filme francês, há uma referência ao nome de uma marca (de emissora de televisão) que pertence exclusivamente à CF. Logo no início do filme, a voz do narrador apresenta os personagens principais, descrevendo alguns de seus gostos. A cena em questão mostra a personagem Amandine Poulain assistindo a um programa de patinação artística que é, na vida real, difundido todos os anos pela rede de televisão francesa TF1. A expressão utilizada na LF/CF, “TF1”, é **conservada literalmente** na legenda brasileira. Que implicações este tratamento pode trazer para a percepção do público brasileiro acerca da especificidade cultural francesa?

O público brasileiro, não familiarizado com a cultura francesa, não sabe de antemão a que objeto do universo cultural francês a expressão TF1 faz referência. No contexto apresentado, não é possível afirmar que ele consegue inferir o significado da expressão que foi conservada. Por outro lado, ele pode mais facilmente atribuir-lhe um significado existente na cultura brasileira que certamente não possui equivalente na CF, o que caracterizaria uma interpretação etnocentrista do significado. De qualquer modo, a conservação literal da expressão certamente fornece pistas de acesso à cultura do outro.

4. Trabalhando as especificidades culturais presentes em filmes de ficção legendados em sala de língua estrangeira

Segundo Arroyo (1994), “a utilização do filme em sala de aula deve ultrapassar o estado do comentário do conteúdo e interessar-se pela especificidade técnica desta forma de comunicação”. Além disso, para consolidar ou melhorar a competência comunicativa dos alunos na língua estrangeira, o professor deve procurar trabalhar a competência cultural através do ensino da lexicultura, como a define R. Galisson (1999).

Os exemplos citados neste trabalho podem ser explorados tanto em salas de Português língua estrangeira (PLE), quanto em turmas de Francês língua estrangeira (FLE). No caso do exemplo A, o professor pode partir da legendagem para explicar aos alunos de PLE o que ocorre na tradução (a expressão foi neutralizada ou em termos mais didáticos, “substituída” por um termo geral). Posteriormente, poderá fornecer uma explicação da expressão e, dependendo da motivação dos alunos a respeito do tema, organizar sua aula ou parte dela, sobre a música brasileira. Por sua vez, o exemplo B servirá ao professor de FLE para explicar esta “palavra de conteúdo cultural compartilhado”³ (GALISSON, 1991, pp. 109-160). O professor também pode ultrapassar a simples definição do que seja a “TF1” e explicar, por exemplo, que não só a TF1 existe como o que a personagem assiste no filme corresponde a um programa tradicional dessa emissora de televisão. Ele pode também organizar uma explicação a respeito de como funciona a distribuição de canais na França, sabendo que a TF1 é uma emissora privada enquanto outras (como a France 2, France 3, TV5) são subsidiadas pelo governo, o que poderia levar a uma discussão a respeito da qualidade de programação de cada uma dessas emissoras e finalmente estabelecer um paralelo com o sistema de emissoras de televisão no Brasil. As opções são diversas.

³ Tradução de *mot à charge culturelle partagé (C.C.P.)* : são palavras cujo significado comportam um “valor adicionado” que é conhecido dos nativos e inacessível aos não-nativos, como nomes de marcas específicas à uma cultura de referência.

5. Considerações finais

Após delimitarmos o quadro teórico multidisciplinar de nosso trabalho, partimos de uma abordagem etnográfica para analisar a percepção intercultural no cinema, fazendo uma comparação entre os universos culturais brasileiro e francês. Nosso estudo focalizou a legendagem em língua estrangeira (PLE ou FLE) de filmes de ficção e as especificidades culturais por ela veiculadas. Observou-se que tais especificidades passam por um tratamento lingüístico inerente ao processo tradutório. Pelos exemplos analisados (3A e 3B), parece-nos que tal tratamento pode influir na percepção dessas especificidades culturais. Dessa forma, sugerimos que os aspectos culturais veiculados em filmes de ficção legendados sejam trabalhados em sala de língua estrangeira com dois objetivos: a formação de uma consciência intercultural que facilite o acesso à cultura estrangeira e o ensino ou consolidação da competência comunicativa (e cultural subjacente) dos alunos.

Referências

- ARROYO, F., AVELINO, C. (1996). “Regards sur le cinéma” in *Le Français dans le monde*, n° 278, Clé International.
- AUMONT, J. (1983). *Esthétique du film*, Ed. F. Nathan.
- CARY, E. (1985). *Comment faut-il traduire*, P.U.L., Lille.
- DELISLE, J. (1980). *L'analyse du discours comme méthode de traduction*, coll. Cahiers de traductologie, Ed. de l'Université d'Ottawa.
- GALISSON, R. (1991). *De la langue à la culture par les mots*, Clé International.
- (1999). *La formation en questions*, Clé International.
- HALL, E. T. (1971). *La dimension cachée*, Seuil.
- HYMES, D. H. (1984). *Vers la compétence de communication*, Hatier/Crédif, coll. LAL.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. (1994). *Les interactions verbales*, t. III, Ed. Armand Colin.
- LAROSE, R. (1989). *Théories contemporaines de la traduction*, Presses de l'Université du Québec, 2° ed.
- MOUNIN, G. (1963). *Les problèmes linguistiques de la traduction*, Gallimard.
- SALINS, G.-D (de). (1992). *Une introduction à l'ethnographie de la communication*, Ed. Didier.
- SELESKOVITCH, D., LEDERER, M. (1984). *Interpréter pour traduire*, Ed. Didier.
- SRPOVÁ, M. (1991). “Typologie des traductions : traitement des spécificités référentielles dans la traduction” in *Contrastes*, série A10, Z'édicions, Nice, , pp.63-70.
- (1995a). “Les interactions non verbales dans la communication interculturelle” in *La linguistique*, P.U.F., , 31/2, pp. 78-87.
- (1995b/1). “La traduction, confrontation de deux expériences cognitives” in *Intellectica*, Paris, 20, pp. 157-170
- VINAY, J.P. et DARBELNET, J. (1958). *Stylistique comparée du français et de l'anglais*, Ed. Didier.